

• 1 NOV 1987

POLÍTICA

Presidente alivia tensão no feriado

CORREIO BRAZILIENSE

1 NOV 1987

O presidente José Sarney vai passar o fim de semana, prolongado com o feriado de segunda-feira, descansando no seu sítio de São José do Pericumã, acompanhado somente de familiares. Não há previsão de nenhum contato político direto. Sarney já está sentindo o enfado do poder. Isso é visivelmente constatado em seus discursos, quando sempre afirma que não prometeu nada a ninguém e se queixa das críticas e injustiças de que é alvo.

Na sua passagem por Pau-dos-Ferros, cidade do interior do Rio Grande do Norte, Sarney, em discurso, se lamentou, apesar de dizer que não guarda ressentimento, porque acredita que o Presidente da República não deve ter rancor de ninguém, porque é como qualquer outra pessoa que "tem alma e que pode ter emoção".

Sarney demonstrou a sua mágoa com os políticos, ao dizer com todas as letras que era um velho político, e por isso conhecia as duas "margens do rio", numa clara evidência de que não tem recebido a sustentação política que deseja. O desabafo maior do Presidente foi feito ao dizer que "o poder, para mim, ele não me transforma em nada", alegando que conhece a sua fragilidade, e sabe que "ele

é difuso". "Eu passo pelo poder como o sol pela vidraça", garantiu.

Sempre emocionado, dizia ainda que conhecia os "arroubos da oposição", argumentando que já tinha sido oposição, falou da incompreensão dos políticos, lembrando que "não tive um dia que não fosse de luta".

Sarney mandou um recado para os políticos em geral: "Eu não fiz promessa na campanha, porque não fui candidato e não tive oportunidade de prometer". Como isso, Sarney afirmou em praça pública, que o erro foi do ex-presidente Tancredo Neves que montou uma máquina difícil de ser tocada.

Ele avisou que tinha feito uma promessa, mas não quis revelar qual, apenas que estava lutando com vontade de acertar, e de "ser humilde diante dos problemas. Isso, entretanto, não nos redime de receber, muitas vezes, injustiças". Mas disse que tinha alma para compreender as coisas.

O desabafo de Sarney sempre é feito quando vai ao Nordeste, onde ele mesmo tem o prazer de dizer que se sente muito bem. O seu comportamento no interior nordestino, durante a semana, demonstra que ele está com enfado do poder.

Sarney teve a chance de negociar mandato

Quando recusou a sugestão do deputado Ulysses Guimarães no sentido de que negociasse com os parlamentaristas uma fórmula capaz de garantir-lhe cinco anos de mandato, sendo o último sob o novo sistema de governo, o presidente José Sarney perdeu sua grande chance de sair ganhando alguma coisa no episódio da mudança de regime. Agora, advertem diversos políticos, está cada vez mais difícil para o Palácio do Planalto reverter o vertiginoso crescimento do movimento pelas diretas/88. Na avaliação desses parlamentares, o máximo que o Presidente ainda pode obter da Constituinte é governar até o último dia (de um mandato de quatro anos) sob o atual regime.

Embora seja adepto do mandato de seis anos para Sarney, como estabelece a atual Constituição, o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator da Comissão de Sistematização, é um dos que reconhecem que a tendência dos constituintes, hoje, é pela convocação de eleições presidenciais no próximo ano. Além disso, acha que a maioria inclina-se para a adoção imediata do parlamentarismo, sem qualquer concessão a receitas gradualistas ou protelatórias.

O deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG), por sua vez, admite que será difícil aprovar a tese que sustentou durante me-

ses, ao lado do senador José Richa: cinco anos de mandato para Sarney, mantendo-se o presidencialismo no quarto ano e implantando-se o novo regime apenas no último. O deputado mineiro, que se inclui entre os principais articuladores do movimento parlamentarista, está certo de que esta idéia passaria com facilidade se o presidente Sarney houvesse concordado com ela, na semana passada. "Como isto não aconteceu, as coisas agora se complicaram".

Também o senador paraense José Richa (PMDB), um dos mais convictos defensores do gradualismo até pouco tempo, admite que a maioria dos constituintes parece inclinar-se pelo mandato de quatro anos. Neste caso, ele considera que a implantação efetiva do regime de gabinete poderá ser protelada para 1990, já sob o novo governo.

Quem não admite ouvir falar desta fórmula é o deputado Euclides Scalco, líder interino do PMDB na Constituinte. Numa posição atrás da qual pode estar escondida uma estratégia de negociação, ele diz não abrir mão nem das diretas/88 nem da implantação imediata do parlamentarismo, embora setores da própria esquerda peemedebista admitam negociar o último ponto.